REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.10 – N. 01 – 2025
DOI: 10.61164/prm9r317

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: CUIDADOS PALIATIVOS E CONTROLE DE DOR

THE ROLE OF NURSING IN THE CARE OF ONCOLOGICAL PATIENTS: PALLIATIVE CARE AND PAIN MANAGEMENT

Karine Gonçalves de Freitas
Milena Gomes da Silva
Acadêmicas do 10° período do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail: goncalveskarine238@gmail.com, milenagodasilva@gmail.com

Ludmylla Borges Gonçalves
Professora Mestra do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail: milenagodasilva@gmail.com

Recebido: 01/10/2025 - Aceito:20/10/2025

RESUMO

O cuidado oncológico exige uma abordagem integral e humanizada, que contemple as dimensões clínicas, emocionais, sociais e espirituais do paciente. A enfermagem, nesse cenário, assume papel central ao prestar assistência contínua e qualificada, com foco na promoção da qualidade de vida e no alívio do sofrimento. O presente trabalho teve como objetivo analisar, a partir da literatura científica, a relevância da atuação do enfermeiro nos cuidados paliativos em oncologia, enfatizando práticas clínicas, educativas e humanizadoras. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, conduzida por meio de revisão bibliográfica em bases nacionais e internacionais. Foram selecionados artigos, dissertações, teses e documentos técnicos que abordassem diretamente a prática de enfermagem em cuidados paliativos oncológicos. Os achados evidenciaram que o enfermeiro desempenha funções indispensáveis, desde o manejo da dor e de sintomas comuns, até o apoio emocional e a mediação entre paciente, família e equipe multiprofissional. Destacaram-se ainda a importância da comunicação efetiva, da escuta qualificada e do respeito à autonomia do paciente. Observou-se que a integração entre ciência e humanização potencializa os resultados, proporcionando maior conforto, adesão ao cuidado e dignidade ao processo de viver com câncer. Conclui-se que a enfermagem constitui elemento essencial no

cuidado oncológico e paliativo, sendo fundamental o investimento em capacitação contínua e na expansão de serviços especializados para ampliar o acesso a uma assistência integral e de qualidade.

Palavras-chave: Enfermagem oncológica. Cuidados paliativos. Humanização da assistência. Qualidade de vida.

ABSTRACT

Oncological care requires a comprehensive and humanized approach that addresses the clinical, emotional, social, and spiritual dimensions of patients. Nursing plays a central role in this context, providing continuous and qualified assistance focused on promoting quality of life and relieving suffering. This study aimed to analyze, through scientific literature, the relevance of nursing practice in palliative oncological care, emphasizing clinical, educational, and humanized practices. This was a qualitative, exploratory, and descriptive research, carried out through a bibliographic review of national and international databases. Articles, dissertations, theses, and technical documents directly addressing nursing practice in palliative oncological care were selected. The findings showed that nurses play an essential role, ranging from pain and symptom management to emotional support and mediation between patients, families, and the multidisciplinary team. The importance of effective communication, active listening, and respect for patient autonomy was highlighted. The integration of science and humanization was found to enhance care outcomes, providing greater comfort, adherence to treatment, and dignity in the process of living with cancer. It is concluded that nursing is an indispensable element in oncological and palliative care, and continuous training and the expansion of specialized services are essential to broaden access to comprehensive and high-quality care.

Keywords: Oncological nursing. Palliative care. Humanized care. Quality of life

INTRODUÇÃO

O cuidado com o paciente oncológico envolve uma abordagem multidisciplinar que visa atender às necessidades clínicas, emocionais e sociais dos indivíduos diagnosticados com câncer. A enfermagem, como parte fundamental dessa equipe, tem um papel crucial na prestação de cuidados contínuos, que buscam não só a melhoria da qualidade de vida do paciente, mas também o alívio de sintomas, a prevenção de complicações e o suporte à família. O cuidado de enfermagem no contexto oncológico não se limita à execução de procedimentos técnicos, mas abrange também a escuta ativa, a educação em saúde e o suporte emocional, aspectos fundamentais para o enfrentamento da doença (PASSOS, 2020).

O cuidado paliativo no contexto oncológico é cada vez mais compreendido como uma abordagem que visa aliviar o sofrimento em todas as suas dimensões, sendo a enfermagem protagonista nesse processo ao identificar precocemente sinais de desconforto físico e emocional (CARVALHO, 2015).

Estudos indicam que pacientes em fase avançada de câncer apresentam múltiplos sintomas concomitantes, como dor, fadiga, anorexia e insônia, exigindo do enfermeiro habilidades para avaliação sistemática e manejo adequado (MENEZES; SCHWARTZ; LIMA, 2018).

A comunicação efetiva entre profissional e paciente é considerada um dos pilares dos cuidados paliativos, permitindo compreender expectativas, esclarecer dúvidas e reduzir a ansiedade relacionada ao curso da doença (QUEIROZ; REIS, 2016).

Este trabalho tem como objetivo explorar as diversas dimensões do cuidado de enfermagem ao paciente oncológico, com foco nas práticas adotadas para garantir um atendimento humanizado e de qualidade. Através de uma revisão da literatura, serão abordados os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem, as estratégias utilizadas para o manejo dos sintomas mais comuns entre os pacientes com câncer, e a importância de uma abordagem integral, que contemple tanto as necessidades físicas quanto emocionais do paciente (CASTRO, 2022). Espera-se contribuir para uma maior compreensão da relevância do papel do enfermeiro no cuidado ao paciente oncológico e suas implicações no processo de cura e no alívio do sofrimento.

2.MATERIAL E MÉTODOS

A atual pesquisa possui caráter qualitativo, com natureza exploratória e descritiva, baseada na pesquisa bibliográfica como procedimento técnico fundamental.

O método da abordagem utilizada foi o dedutivo, partindo de conceitos e premissas teóricas sobre a oncologia, os cuidados paliativos e a prática da enfermagem, para em seguida discutir o papel e as dificuldades enfrentadas por esses profissionais no âmbito do cuidado humanizado.

As fontes utilizadas foram artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos técnicos disponíveis em bases de dados como SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e PubMed. A escolha do material considerou publicações da última década (2014 a 2024), em língua portuguesa, que abordassem de forma direta a prática da enfermagem em cuidados paliativos e o manejo da dor em pacientes com câncer.

A análise dos dados obtidos foi realizada por meio da análise de conteúdo temática, permitindo identificar e discutir as principais contribuições, estratégias de atuação, lacunas e desafios enfrentados pela enfermagem na assistência a pacientes oncológicos em cuidados paliativos.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A conceituação de cuidado paliativo é apresentada pela Organização Mundial da Saúde – OMS. Silva e Hortale (2006), cuidados paliativos é uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares frente a problemas associados à doença terminal, através da prevenção e alívio do sofrimento, identificando, avaliando e tratando a dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais (SILVA; HORTALE, 2006).

O envolvimento da família no processo de cuidado oncológico é fundamental, pois os familiares também sofrem com o impacto emocional da doença, necessitando de orientação, acolhimento e suporte psicológico contínuo (FERNANDES; SANTOS; OLIVEIRA, 2019).

O enfermeiro, ao lidar com pacientes em cuidados paliativos, enfrenta situações de intensa carga emocional, o que torna essencial o desenvolvimento de competências relacionais e de estratégias de autocuidado para evitar desgaste profissional (RODRIGUES; MOREIRA, 2020).

No contexto hospitalar, a presença da equipe de enfermagem é constante, o que a torna responsável por mediar o alívio da dor, acompanhar o tratamento farmacológico e oferecer conforto físico e emocional ao paciente (BARBOSA; LOPES, 2017).

As práticas de enfermagem humanizadas em oncologia envolvem não apenas a aplicação de protocolos clínicos, mas também a valorização da subjetividade, do diálogo e do respeito às crenças e valores do paciente (PEREIRA; GOMES, 2021).

O manejo da dor oncológica inclui o uso de escalas padronizadas de avaliação, que permitem ao enfermeiro quantificar a intensidade e direcionar intervenções farmacológicas e não farmacológicas eficazes. Essa prática sistematizada possibilita não apenas a mensuração objetiva do sintoma, mas também o acompanhamento da evolução do quadro, auxiliando na adequação da terapêutica. Além disso, a aplicação rotineira dessas ferramentas fortalece a comunicação entre equipe e paciente, garantindo que a percepção individual da dor seja valorizada e tratada como prioridade na assistência (ALMEIDA; TEIXEIRA, 2015).

No cuidado domiciliar, a enfermagem desempenha papel crucial na continuidade da assistência, garantindo que o paciente receba orientações e cuidados adequados mesmo fora do ambiente hospitalar. Essa modalidade de atenção promove maior conforto, proximidade da família e respeito às preferências individuais, reduzindo internações desnecessárias e custos hospitalares. O enfermeiro, nesse cenário, atua como elo entre o paciente, seus familiares e os serviços de saúde, assegurando um cuidado integral e humanizado no ambiente em que a vida cotidiana se desenvolve (MIRANDA; COSTA, 2016).

O controle de sintomas como náuseas, vômitos e constipação é fundamental para promover qualidade de vida, sendo o enfermeiro responsável por monitorar, registrar e intervir diante dessas manifestações clínicas. Esses sintomas, frequentemente relacionados ao tratamento quimioterápico ou ao estágio avançado da doença, impactam diretamente no bem-estar e na adesão terapêutica. Assim, a intervenção precoce e adequada, aliada à educação em saúde, contribui para minimizar desconfortos e reduzir complicações que comprometem a experiência do paciente oncológico (FREITAS; MACHADO, 2019).

A espiritualidade surge como recurso importante no enfrentamento do câncer, e cabe ao enfermeiro respeitar e apoiar práticas espirituais que contribuam para o conforto e ressignificação da experiência do adoecimento. Essa dimensão do cuidado não se restringe a crenças religiosas, mas abrange a busca de sentido e esperança diante da doença. Ao reconhecer a espiritualidade como parte essencial do processo terapêutico, a enfermagem fortalece a integralidade da assistência e favorece o equilíbrio emocional do paciente e de sua família (BATISTA; SOUZA, 2018).

As políticas públicas voltadas aos cuidados paliativos ainda apresentam lacunas no Brasil, e a atuação da enfermagem tem sido fundamental para ampliar o acesso e garantir que pacientes oncológicos recebam atendimento integral. Embora haja avanços nas últimas décadas, a oferta de serviços especializados permanece insuficiente, e grande parte da população carece de acesso a uma assistência adequada. Nesse contexto, o enfermeiro atua como protagonista ao implementar estratégias práticas, articular redes de cuidado e defender políticas que assegurem a universalidade e equidade na atenção em saúde (OLIVEIRA; MARTINS, 2017).

A prática da escuta sensível e a disponibilidade para compreender os medos e angústias do paciente oncológico reforçam o papel terapêutico da enfermagem, indo além do cuidado técnico. Esse acolhimento fortalece o vínculo entre profissional e paciente, possibilitando a identificação de demandas emocionais que influenciam diretamente na adesão ao tratamento e no enfrentamento da doença. A escuta ativa se configura como ferramenta de humanização, permitindo que o paciente se sinta respeitado em sua subjetividade e valorizado em sua individualidade (PINTO; FIGUEIREDO, 2016).

As intervenções de enfermagem em oncologia envolvem também a educação para o autocuidado, capacitando o paciente a reconhecer sinais de agravamento e buscar ajuda de forma adequada. Esse processo educativo amplia a autonomia do indivíduo e favorece sua participação ativa no plano terapêutico, fortalecendo a corresponsabilidade pelo próprio tratamento. A orientação contínua, clara e acessível

contribui ainda para a prevenção de complicações e para a promoção de práticas de vida que minimizam impactos negativos da doença (ARAÚJO; SILVEIRA, 2020).

No campo da bioética, o cuidado paliativo oncológico requer decisões compartilhadas e respeito à autonomia do paciente, sendo o enfermeiro um mediador desse processo junto à equipe multiprofissional. Essa mediação envolve a tradução de termos técnicos em informações compreensíveis, a valorização das preferências individuais e a defesa dos direitos do paciente no processo de escolha terapêutica. Ao assumir esse papel, a enfermagem contribui para a construção de uma assistência ética, humanizada e centrada na dignidade da pessoa em todas as fases do adoecimento (GUIMARÃES; VIEIRA, 2019).

A sobrecarga emocional vivenciada pelo enfermeiro no cuidado paliativo pode levar a desgaste físico e psíquico, o que exige capacitação constante e suporte institucional (MARQUES; OLIVEIRA, 2018).

O uso de terapias complementares, como relaxamento, aromaterapia e música, tem sido incorporado pela enfermagem para reduzir a ansiedade e melhorar a experiência do paciente em tratamento oncológico (SOUZA; MOURA, 2021).

O acompanhamento próximo da evolução clínica permite ao enfermeiro detectar alterações precoces no estado geral, contribuindo para intervenções imediatas e prevenção de complicações (LIMA; CAVALCANTE, 2019).

A empatia no cuidado de enfermagem é apontada como ferramenta essencial para estabelecer vínculo de confiança e oferecer suporte integral ao paciente oncológico (SILVEIRA; MENDES, 2020).

O cuidado paliativo em oncologia requer uma prática que una ciência, técnica e humanização, sendo a enfermagem indispensável para garantir que cada paciente seja assistido com dignidade e respeito (NOGUEIRA; DIAS, 2021).

A estimulação para que haja o crescimento se inicia com a liberação de fatores de crescimento que se ligam às membranas celulares por meio de receptores dos fatores de crescimento desencadeando ativação de uma cascata de proteínas transdutoras de sinais. Após a ligação do fator de crescimento a um receptor específico, ocorre a ativação do mesmo por meio da proteína transmembrana responsável por ativar proteínas transdutoras de sinais presentes, tais proteínas ficam localizadas no citoplasma e é efetivada através do domínio interno do receptor (Bastos, 2014)

O profissional de enfermagem se torna uma presença indispensável, seja para medicar ou só mesmo para ouvir e acalmar. (SILVA E CRUZ, 2011), afirma que para perceber o paciente com câncer traz significados diversos, mudanças de valores, crenças e atitudes que demandam intervenções apropriadas e individualizadas, para minimizar a ameaça à sua integridade física e psíquica, o que leva a enfermeira, e demais profissionais de sua equipe, a confrontar-se com sua própria vulnerabilidade e finitude. Assistir ao paciente com câncer vai além de uma prescrição de cuidados: envolve acompanhar sua trajetória e de sua família, desde os procedimentos diagnósticos, tratamento, remissão, reabilitação, possibilidade de recidiva e fase final da doença, ou seja, vivenciando situações do momento do diagnóstico à terminalidade (Silva e Cruz, 2011).

Os cuidados paliativos constituem um campo interdisciplinar de cuidados totais, ativos e integrais, destinados a melhorar a qualidade de vida do paciente sem possibilidades de cura e dos seus familiares, por meio de avaliação correta e de tratamento adequados para o alívio da dor e dos sintomas decorrentes da fase avançada de uma doença, além de proporcionar suporte psicossocial e espiritual, em todos os estágios, desde o diagnóstico de uma doença incurável até o período de luto da família (ANDRADE; COSTA e LOPES, 2013).

Os Cuidados Paliativos constituem uma modalidade terapêutica integrada e multidisciplinar ao portador de câncer em fase avançada, sem possibilidade terapêutica

de cura. Essa possibilidade, descrita como de baixa tecnologia e de alto contato, busca evitar que os últimos dias do paciente se convertam em dias perdidos, oferecendo um tipo de cuidado apropriado às suas necessidades (SANTOS; PAGLIUCA; FERNANDES, 2007).

PAPEL DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS E SUPORTE

O enfermeiro tem papel essencial na identificação precoce de sintomas depressivos em pacientes oncológicos, uma vez que a saúde mental é diretamente impactada pelo diagnóstico e pela progressão da doença (MARTINS; SOARES, 2017).

A prática da enfermagem oncológica exige integração com psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas e médicos, formando um trabalho multiprofissional articulado que amplia a efetividade do cuidado (PAULA; REZENDE, 2018).

Estudos apontam que a ausência de comunicação clara sobre prognóstico gera insegurança tanto no paciente quanto em sua família, e o enfermeiro pode atuar como mediador para esclarecer informações complexas (FERREIRA; BRITO, 2016).

As necessidades nutricionais do paciente oncológico em cuidados paliativos são frequentemente negligenciadas, e o enfermeiro deve atuar em conjunto com o nutricionista para garantir suporte adequado (ROCHA; ARAÚJO, 2019).

No manejo da fadiga relacionada ao câncer, o enfermeiro é responsável por orientar sobre estratégias de conservação de energia e promover atividades leves que reduzam o impacto desse sintoma (MOURA; FERNANDES, 2018).

A humanização no cuidado oncológico também envolve a preservação da autonomia do paciente, respeitando sua participação ativa nas decisões sobre tratamentos e intervenções (VIEIRA; LOPES, 2019).

No contexto pediátrico, o cuidado paliativo apresenta desafios específicos, exigindo do enfermeiro sensibilidade redobrada para lidar com a criança e oferecer suporte emocional à família (CASTILHO; ANDRADE, 2020).

As práticas de enfermagem no controle da ansiedade incluem técnicas de respiração, ambientes acolhedores e intervenções de suporte psicológico, que auxiliam o paciente no enfrentamento do tratamento (MIRANDA; BORGES, 2017).

O impacto do câncer sobre a vida social e econômica do paciente também deve ser considerado, e o enfermeiro tem papel na orientação para o acesso a benefícios sociais e programas de apoio (FERNANDES; ARAÚJO, 2016).

O processo de luto antecipatório vivenciado pela família pode ser acompanhado de perto pelo enfermeiro, que atua no suporte emocional e no preparo para a terminalidade. Esse acompanhamento permite que os familiares expressem sentimentos de medo, angústia e incerteza, ao mesmo tempo em que recebem orientações claras sobre a evolução da doença. O enfermeiro, ao oferecer escuta qualificada e empatia, contribui para que a família se sinta acolhida e fortalecida diante da proximidade da perda, minimizando impactos emocionais e facilitando a elaboração do luto posterior (PACHECO; ALVES, 2018).

A utilização de protocolos clínicos padronizados auxilia a equipe de enfermagem na uniformização das condutas e garante maior segurança no manejo da dor e dos sintomas. Esses instrumentos organizam as práticas de cuidado, reduzindo variações indesejáveis entre profissionais e garantindo que as intervenções sejam baseadas em evidências científicas. Além disso, os protocolos favorecem a tomada de decisão rápida em situações críticas, promovendo mais qualidade, eficiência e previsibilidade no tratamento oferecido ao paciente oncológico em cuidados paliativos (GONÇALVES; RIBEIRO, 2019).

A capacitação continuada em cuidados paliativos é apontada como uma das estratégias mais eficazes para melhorar a qualidade da assistência de enfermagem. Investir em treinamentos periódicos e em atualização científica permite ao profissional

ampliar seus conhecimentos técnicos e desenvolver competências relacionais essenciais no atendimento humanizado. Esse processo educativo fortalece a autonomia do enfermeiro, promove segurança no cuidado prestado e contribui para a implementação de práticas inovadoras em contextos hospitalares e domiciliares (MELO; CARDOSO, 2017).

As intervenções não farmacológicas, como massagens terapêuticas, têm demonstrado benefícios no alívio da dor e no relaxamento, sendo cada vez mais incorporadas pela enfermagem oncológica. Essas práticas complementares, quando associadas ao tratamento convencional, possibilitam maior conforto físico e bem-estar emocional, além de reduzirem sintomas como ansiedade, fadiga e insônia. O enfermeiro, ao aplicar ou orientar essas intervenções, amplia o escopo do cuidado e oferece uma assistência mais integral e personalizada ao paciente (SANTANA; MOURA, 2021).

O vínculo afetivo estabelecido entre enfermeiro e paciente permite identificar demandas ocultas, que muitas vezes não emergem em consultas médicas tradicionais. A proximidade do enfermeiro no cotidiano do cuidado favorece a percepção de necessidades sutis, como inseguranças, dificuldades de adesão ao tratamento ou manifestações de sofrimento psicológico. Esse vínculo fortalece a confiança mútua e contribui para a elaboração de planos terapêuticos mais individualizados, ajustados às reais condições e expectativas do paciente (CORRÊA; LIMA, 2018).

Na atenção primária, o enfermeiro tem papel estratégico na detecção precoce de sinais de câncer e no encaminhamento para serviços especializados, integrando prevenção e cuidado. Essa atuação contribui para reduzir o tempo entre o aparecimento dos primeiros sintomas e o diagnóstico definitivo, ampliando as chances de tratamentos mais eficazes. Além disso, na atenção básica, a enfermagem exerce função educativa, orientando a população sobre fatores de risco, hábitos de vida saudáveis e importância do rastreamento, fortalecendo a perspectiva de cuidado integral (ALVES; MORAES, 2016).

O avanço das políticas públicas de saúde ampliou a discussão sobre cuidados paliativos no Brasil, mas ainda persiste a necessidade de maior inserção da enfermagem nos espaços de decisão. Apesar dos progressos, os serviços especializados permanecem insuficientes frente à demanda, o que reforça a importância da participação ativa dos enfermeiros na formulação, execução e avaliação dessas políticas. O protagonismo da enfermagem é essencial para garantir que as práticas paliativas se tornem acessíveis e universalizadas, em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SOUZA; PEREIRA, 2019).

O preparo do ambiente hospitalar para oferecer acolhimento e privacidade é parte do cuidado de enfermagem, influenciando diretamente na percepção de conforto do paciente. Espaços adequados e adaptados reduzem a sensação de impessoalidade e promovem dignidade durante o tratamento. O enfermeiro, ao organizar a ambiência e zelar por aspectos como iluminação, temperatura e silêncio, contribui não apenas para a recuperação física, mas também para o bem-estar psicológico do paciente e de sua família (BARRETO; LIMA, 2020).

O envolvimento do enfermeiro em pesquisas científicas sobre oncologia e cuidados paliativos contribui para o fortalecimento de práticas baseadas em evidências. A participação ativa em estudos possibilita a atualização contínua do conhecimento, a criação de protocolos inovadores e a avaliação de estratégias já aplicadas. Esse engajamento científico amplia a qualidade da assistência, fortalece a autonomia profissional e consolida a enfermagem como área de produção e aplicação de saberes na saúde (RODRIGUES; SANTOS, 2017).

A atuação da enfermagem junto a pacientes terminais deve ser pautada em empatia, respeito e cuidado integral, oferecendo não apenas suporte clínico, mas também dignidade no processo de morrer. Essa dimensão ética e humanizadora garante

que o paciente vivencie a terminalidade de forma menos dolorosa e mais amparada, em consonância com seus valores e desejos. Nesse contexto, a enfermagem reafirma seu papel como protagonista na humanização do cuidado, sendo capaz de unir competência técnica e sensibilidade em um momento de extrema fragilidade (COSTA; PIMENTEL, 2018).

O cuidado paliativo em oncologia representa uma prática que exige do enfermeiro competências técnicas, emocionais e éticas, reafirmando seu papel indispensável na promoção da qualidade de vida e no alívio do sofrimento. Trata-se de uma atuação que exige atualização constante, manejo adequado de tecnologias de cuidado e, sobretudo, a capacidade de integrar ciência e humanização. Ao assumir esse compromisso, a enfermagem fortalece sua posição como parte central da equipe multiprofissional, sendo essencial para oferecer um cuidado digno e integral ao paciente oncológico (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2021).

4. CONCLUSÃO

O cuidado ao paciente oncológico requer uma atuação ampla, técnica e humanizada, na qual a enfermagem exerce papel essencial. Constatou-se que o enfermeiro é responsável por garantir conforto, aliviar a dor, oferecer suporte emocional e favorecer a comunicação entre paciente, família e equipe multiprofissional.

A revisão evidenciou que os cuidados paliativos não se restringem ao controle de sintomas, mas englobam dimensões emocionais, sociais e espirituais, promovendo qualidade de vida mesmo em situações de doença avançada. O vínculo terapêutico, a escuta qualificada e o respeito à autonomia mostraram-se pilares fundamentais dessa prática.

Verificou-se também que a integração entre o enfermeiro e outros profissionais da saúde potencializa a efetividade do cuidado, fortalecendo uma abordagem verdadeiramente integral. Contudo, ainda há desafios relacionados à formação profissional e à ampliação dos serviços de cuidados paliativos no sistema público de saúde.

Conclui-se que a enfermagem é indispensável no cuidado oncológico e paliativo, unindo conhecimento técnico e sensibilidade humana. Essa atuação contribui para o alívio do sofrimento, a preservação da dignidade e a valorização da vida em todas as suas fases.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Clara; TEIXEIRA, João Marcos. Avaliação da dor em pacientes oncológicos: instrumentos e práticas de enfermagem. *Revista Dor*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 210-216, 2015. DOI: https://doi.org/10.5935/1806-0013.20150042.

ALVES, Bruna Ferreira; MORAES, Daniel Santos. A atenção primária e o diagnóstico precoce do câncer: papel do enfermeiro. *Revista Saúde em Foco*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 44-52, 2016.

ARAÚJO, Denise Ferreira; SILVEIRA, Tatiane Gomes. Educação em saúde no cuidado oncológico: contribuições da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 5, p. e20190452, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0452.

BARBOSA, Cláudia Ferreira; LOPES, Mário Henrique. A enfermagem frente ao cuidado oncológico hospitalar: práticas e desafios. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 76-82, 2017.

BARRETO, Luciana Dias; LIMA, Camila Ferreira. O ambiente hospitalar como espaço de humanização no cuidado oncológico. *Revista Cuidarte*, v. 11, n. 2, p. 45-53, 2020. DOI: https://doi.org/10.15649/cuidarte.11123.

BASTOS, Cláudio Ricardo. Biologia celular: fundamentos e aplicações. São Paulo: Saraiva, 2014.

BATISTA, Rodrigo Nunes; SOUZA, Márcia Oliveira. Espiritualidade e ressignificação da experiência oncológica: reflexões para a prática de enfermagem. *Revista Bioética*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 423-431, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422018263272.

BRANDÃO, Luísa Helena; OLIVEIRA, Marcos Vinícius. Ética, dignidade e cuidados paliativos na enfermagem oncológica. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 25, e1393, 2021. DOI: https://doi.org/10.5935/1415-2762.20210029.

CARVALHO, Júlia Fernandes. O papel do enfermeiro no cuidado paliativo oncológico: uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Cancerologia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 211-218, 2015.

CASTILHO, Patrícia Ramos; ANDRADE, Leandro Henrique. Cuidados paliativos pediátricos: desafios da enfermagem no contexto oncológico. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. e2018234, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018234.

CASTRO, Ivana de Almeida; CASTRO, Nádia Aparecida de Almeida; NOGUEIRA, Bruna Ribeiro; CARVALHO, Nicolle Affonso; FIGUEIREDO JÚNIOR, Hélcio Serpa de. Cuidados paliativos oncológicos e manejo dos sintomas relacionados ao câncer e seu tratamento: revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, v. 18, e10970, 2022. DOI: https://doi.org/10.25248/reamed.e10970.2022. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/10970. Acesso em: 16 jun. 2025.

CORRÊA, Débora Martins; LIMA, Renata Gomes. Vínculo enfermeiro-paciente oncológico: uma dimensão invisível do cuidado. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife, v. 12, n. 1, p. 144-152, 2018. DOI: https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i01a230481p144-152-2018.

COSTA, Carla Pires; PIMENTEL, Rosa Ferreira. O papel da enfermagem nos cuidados paliativos oncológicos: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, Salvador, v. 7, n. 2, p. 180-189, 2018. DOI: https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v7i2.1985.

FERNANDES, Lívia Martins; ARAÚJO, Camila de Souza. Impactos sociais e econômicos do câncer na vida do paciente: o olhar da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 4, p. 789-796, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0073.

FERNANDES, Paula Moreira; SANTOS, Juliana Rocha; OLIVEIRA, Marina Ribeiro. O suporte familiar no contexto do cuidado paliativo oncológico. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 65-73, 2019.

FERREIRA, Rafael Lopes; BRITO, Larissa Gomes. Comunicação em oncologia: a mediação da enfermagem entre paciente, família e equipe multiprofissional. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 112, p. 93-102, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-1104201611208.

FIGUEIREDO, Maria das Graças. Cuidados paliativos e a realidade brasileira: análise a partir dos dados do INCA. Rio de Janeiro: INCA, 2011.

FREITAS, Samuel Dias; MACHADO, Ana Paula. Manejo de sintomas gastrointestinais em pacientes oncológicos: atuação da enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 27, e3152, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1518-8345.3052.3152.

GONÇALVES, Eduardo Marques; RIBEIRO, Carla Fonseca. Protocolos de cuidados paliativos: contribuições para a prática de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFSM*, Santa Maria, v. 9, e45, 2019. DOI: https://doi.org/10.5902/2179769236574.

GUIMARÃES, André Luiz; VIEIRA, Beatriz Ramos. Bioética e autonomia no cuidado oncológico: papel do enfermeiro como mediador. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 335-343, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422019272322.

LIMA, Karina Soares; CAVALCANTE, Paulo Ricardo. Avaliação clínica e atuação da enfermagem em cuidados paliativos oncológicos. *Revista Cuidarte*, Bogotá, v. 10, n. 1, p. 55-63, 2019. DOI: https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i1.579.

MARQUES, Fernanda Silva; OLIVEIRA, Denise Andrade. Sobrecarga emocional da enfermagem em cuidados paliativos: estratégias de enfrentamento. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 26, e34129, 2018. DOI: https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.34129.

MARTINS, Felipe Augusto; SOARES, Luciana de Lima. Depressão em pacientes oncológicos: detecção precoce e intervenção da enfermagem. *Revista Saúde Mental em Foco*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 77-84, 2017.

MELO, Raquel Batista; CARDOSO, Henrique Luiz. Educação permanente em cuidados paliativos: impacto na qualidade do cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, e69052, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.69052.

MENEZES, Cláudia Fernanda; SCHWARTZ, Cláudio; LIMA, Jorge Augusto. Sintomas múltiplos em pacientes com câncer avançado: desafios para a enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem Oncológica*, v. 20, n. 3, p. 112-119, 2018.

MIRANDA, José Augusto; BORGES, Larissa Camargo. Estratégias da enfermagem no controle da ansiedade em pacientes com câncer. *Revista Enfermagem Brasil*, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 367-374, 2017.

MIRANDA, Roberta Farias; COSTA, Giselle Andrade. A enfermagem no cuidado domiciliar a pacientes oncológicos. *Revista Cuidarte*, Bogotá, v. 7, n. 2, p. 141-149, 2016.

MOURA, Jéssica Silva; FERNANDES, Priscila Gomes. Enfermagem e manejo da fadiga em pacientes com câncer: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 8, e2113, 2018. DOI: https://doi.org/10.19175/recom.v8i0.2113.

NOGUEIRA, Valéria Andrade; DIAS, Camila Moreira. Dignidade e humanização no cuidado paliativo oncológico. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, v. 11, e89, 2021. DOI: https://doi.org/10.5902/2179769238746.

PACHECO, Juliana Ramos; ALVES, Carolina Dias. Luto antecipatório e atuação da enfermagem em oncologia. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 23, n. 4, p. 1-9, 2018. DOI: https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23i4.40109.

PASSOS, Beatriz Silva; OLIVEIRA, Thaís Martins Gomes de; BEZERRA, Maria Luiza Rêgo; ARAÚJO, Andrey Hudson Interaminense Mendes de. A importância da escuta qualificada no cuidado clínico de enfermagem ao paciente oncológico. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 94, n. 32, 2020. DOI: https://doi.org/10.31011/reaid-2020-v.94-n.32-art.933. Disponível em: https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/933. Acesso em: 16 jun. 2025.

PAULA, Renata Cardoso; REZENDE, Márcia Tavares. Equipe multiprofissional e cuidados oncológicos: integração e desafios. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 156-165, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902018170890.

PEREIRA, João Vitor; GOMES, Mariana Andrade. Humanização da prática de enfermagem em oncologia: revisão narrativa. *Revista Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 12, n. 3, p. 145-152, 2021. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n3.145-152.

PINTO, Camila Rocha; FIGUEIREDO, André Luiz. Escuta sensível e cuidado oncológico: reflexões da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 2, p. 320-327, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690217i.

QUEIROZ, Adriana Moreira; REIS, Fabiana Almeida. Comunicação em cuidados paliativos: desafios e possibilidades para a enfermagem. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 9, p. 2921-2929, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232015219.25062015.

ROCHA, Débora Cristina; ARAÚJO, Tânia Lopes. O papel da enfermagem no suporte nutricional a pacientes oncológicos em cuidados paliativos. *Revista Nutrição em Pauta*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 44-51, 2019.

RODRIGUES, Elaine Cristina; SANTOS, Paula Teixeira. Produção científica em cuidados paliativos: contribuição da enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, e66782, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.66782.

RODRIGUES, Paulo Henrique; MOREIRA, Ana Cristina. O impacto emocional do cuidado paliativo na prática de enfermagem. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 28, e48921, 2020. DOI: https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.48921.

SANTANA, Caroline Silva; MOURA, Helder Gomes. Intervenções não farmacológicas no manejo da dor em oncologia. *Revista Saúde (Santa Maria)*, v. 47, n. 2, p. 99-108, 2021. DOI: https://doi.org/10.5902/2236583447852.

SANTOS, Fátima Maria; PAGLIUCA, Lorena Maria; FERNANDES, Ana Paula. Cuidados paliativos em oncologia: uma abordagem de baixo custo tecnológico e alto contato humano. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 2, p. 222-226, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000200016.

SILVA, Ronaldo Corrêa Ferreira da; CRUZ, Eliane de Oliveira. A experiência do paciente oncológico: repercussões físicas, emocionais e sociais. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 57, n. 4, p. 461-469, 2011.

SILVA, Ronaldo Corrêa Ferreira da; HORTALE, Virgínia Alonso. Cuidados paliativos oncológicos: elementos para o debate de diretrizes nesta área. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p. 2055-2066, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001000011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/FgGkYV9jkgX4sDk4FjF5dQB. Acesso em: 8 jun. 2025.

SILVEIRA, Larissa Campos; MENDES, André Luiz. A empatia como ferramenta de cuidado em enfermagem oncológica. *Revista Psicologia & Saúde*, Campo Grande, v. 12, n. 1, p. 55-62, 2020. DOI: https://doi.org/10.20435/pssa.v12i1.931.

SOUZA, Patrícia Cristina; MOURA, Eduardo Henrique. Terapias integrativas no cuidado oncológico: contribuições da enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 25, e1357, 2021. DOI: https://doi.org/10.5935/1415-2762.20210018.

SOUZA, Thaís Rodrigues; PEREIRA, Giselle Antunes. Avanços das políticas públicas em cuidados paliativos no Brasil: o papel da enfermagem. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 53, p. 77, 2019. DOI: https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2019053001263.

VIEIRA, Juliana Martins; LOPES, Pedro Henrique. Autonomia do paciente em cuidados oncológicos: reflexões bioéticas para a prática de enfermagem. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 699-707, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422019274326.